

Ficha artística e técnica

Elenco

A Viúva.....Anabela Afonso
O Menino.....Nuno Murta
Maria Metade.....Sandra Rios
O Vizinho de Jossinaldo.....Fernando Cabral

Texto

Criação coletiva inspirada em contos de Mia Couto

Direção artística

António Branco

Produção

A Peste / CIAC

Encenação, dramaturgia, cenário, figurinos e iluminação

Criação coletiva

Fotografia (cartaz, folha de sala e divulgação)

Nelson Hobday

Conceção gráfica

Bloco Design

A Peste agradece a Nelson Hobday, Susana Lampreia e F.C.H.S.

CIAC.
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM ARTES E COMUNICAÇÃO

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

UAlg FCHS
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

A PESTE
Associação de Pesquisa Teatral

Tem dói-dói?



sobre o espetáculo

Une-nos a paixão pelo teatro, porque ele nos permite interrogar a (nossa) vida, através das histórias que contamos. Para isso, fomos à procura do sentido de quatro contos de Mia Couto e da sua ligação à vida de cada um. E encontramos muitas formas diferentes dessa solidão que nos amputa, levando-nos para mundos interiores muito dolorosos, uma solidão individual mas, afinal, tão igual à de tanta gente.

O exercício teatral que vos propomos não é um ato de deleite com a solidão, mas um momento para olhar para dentro e descobrir o que viver na solidão faz às pessoas. Os contos confrontaram-nos com a questão do tempo que levamos a lamber as nossas feridas, muitas e de vários feitios, cores e cheiros. Por isso há muito o que lamber e lamentar. E, numa altura em que já não aguentamos mais ouvir os lamentos que estão por toda a parte, na boca de toda a gente, reconhecemos que, afinal, também nós pouco mais fazemos do que lamentar-nos e lamber as nossas feridas.

Este espetáculo somos nós a olhar para dentro dessas feridas profundas, as nossas, as dos outros, as de ninguém e as de toda a gente, revelando-as no palco, para que todos se possam rever nelas também. Porque sabemos que, se olharmos bem para nós, talvez consigamos vislumbrar a Humanidade, e é esse o mistério: aprender a olhar para dentro de nós para vermos as feridas do(s) outro(s) e perceber que, afinal, são as feridas do mundo que precisam de ser tratadas, para que as nossas nos doam menos.

Ainda podemos e queremos mudar alguma coisa? Se assim for, então que acorde e ressoe em nós a chama do agir e transformar! E dêmo-nos o direito de berrar contra o facto de estarmos entalados e enlatados, cheios de medos individuais e coletivos.

E porque este também é um exercício sobre o esforço que precisamos de fazer para fugirmos ao poder paralisante da solidão e encontrarmos a coragem necessária para fazer da dor e do sofrimento matéria de criação e energia para – quem sabe? – ajudar a construir um mundo melhor, perguntamos: «Tem dói-dói?»

Anabela Afonso, Fernando Cabral, Nuno Murta, Sandra Rios

Anabela Afonso, Fernando Cabral, Nuno Murta e Sandra Rios lançaram-me, em julho de 2011, o desafio de orientar o seu Trabalho de Projeto artístico para a conclusão do curso de Mestrado em Comunicação, Cultura e Artes (especialização em Teatro e Intervenção Social) e que consistiria na apresentação de um espetáculo baseado em contos de Mia Couto (*O Fio das Missangas*). Alerttei-os imediatamente: não gosto de «dramatizar contos», porque não confio no resultado teatral daí advindo, a não ser quando é realizado por criadores com grande experiência, como fizeram Mário Viegas e Manuela de Freitas em 1988 (*Deus os Fez, Deus os Juntou*) – e, ainda assim, a partir de adaptações dramáticas de contos de Tchekov publicadas em *L'Avant-Scène*. Manifestei, contudo, a minha disponibilidade para trabalhar com eles e juntos investigarmos as possibilidades de concretização de uma criação coletiva inspirada nesses mesmos contos. Começámos a trabalhar em setembro de 2011.

Os exercícios foram ditando a escolha dos 4 contos em que o espetáculo se baseia, ora porque os alunos a eles se apegaram, ora porque as sugestões de improvisação a partir dos temas desses contos resultaram. No primeiro caso («O Cesto»), o trabalho conduziu à transposição das circunstâncias originais para o velório do marido a quem a personagem se refere, alteração teatral que complexificou a relação espaço-tempo em que ela se manifesta e vive. No segundo («O rio das Quatro Luzes»), o conto é veiculado através de um ato de leitura pública de um livro, realizado por uma personagem inventada pelo ator, funcionando, assim, como transposição literária da dor e das descobertas dessa personagem. No terceiro («Meia culpa, meia própria culpa»), a situação em que a protagonista se confessa ao escritor, na cela da prisão para onde foi enviada por alegadamente ter assassinado o marido, foi transposta para um exercício teatral em que a atriz se vai transformando a partir das orientações de quem a dirige, encontrando uma utilidade artística para o seu próprio sofrimento. No último («O peixe e o homem»), é agora o ator que dirigiu a cena anterior que é dirigido por aquela atriz, que o força, através das coordenadas do conto, a partir em demanda de respostas para as suas dolorosas inquietações estéticas, técnicas e éticas. No final, foi acrescentada uma cena em que participam todos os atores e em que é estabelecido um elo entre essas quatro cenas individuais e o plano coletivo em que todos vivemos atualmente.

O resultado é um espetáculo teatral quase estático, quase exclusivamente assente na expressão da alma dos atores e em que, partindo dos sofrimentos individuais ensimesmados, chegamos à interrogação silenciosa sobre a utilidade coletiva dessa Dor que, citando José Mário Branco, «Anda à solta por aí / Que eu bem a vi / Ai, se eu pudesse parar / Se eu vos pudesse contar». Parámos e contámos.

António Branco